

## A SEMIÓTICA E A PERCEPÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS REDAÇÕES DO ENEM: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE INTERAÇÃO DO ALUNO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

Vânia Warwar Archanjo Moreira<sup>2</sup>; José Bernardo de Azevedo Junior<sup>3</sup>

Nos dias de hoje, tem-se percebido que a distância quanto ao aspecto geográfico não é mais um obstáculo do ponto de vista da educação, graças ao acesso e domínio das tecnologias da comunicação. A Internet foi a tônica do momento no século XX e seus avanços e contribuições não podem ser desprezados. Muito pelo contrário. A partir do século XIX até nossos dias as transformações pessoais e sociais foram fortemente influenciadas pela técnica e, nos últimos anos, especialmente, pela tecnologia digital.

A Internet que se faz muito presente no ambiente escolar, seja para aquelas pessoas que buscam conhecimento na rede virtual, ou por simplesmente por fazerem parte da sociedade moderna, opera como um meio eficaz de experiência na vida do aluno. Ela se faz um instrumento de construção de sentidos quando favorece o imergir do aluno em um contexto sócio-histórico-cultural alternativo à luz das novas tecnologias aplicadas à formação humana.

É inegável que as tecnologias e as redes digitais estão inseridas na vida do candidato. Contudo, há um imbróglio que assombra os métodos e os processos pedagógicos que nos obriga, enquanto pesquisadores e professores, debruçarmos na esteira das discussões dos estudos científicos para que possamos depreender as construções de sentido que emergem das propostas das redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e investigar se essa apreensão está ajustada à vida do aluno do século XXI.

---

- Artigo apresentado ao Eixo Temático 11 - Educação a distância / Educação online / Métodos e processos pedagógicos do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

2- Pesquisadora da CAPES, é professora da Anhanguera Educacional e doutoranda do departamento de Educação, Arte e História da Cultura da **Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM-SP)**. Email: [vw.archanjo@bol.com.br](mailto:vw.archanjo@bol.com.br).

3 - Pesquisador do CNPq, é professor da Universidade Santo Amaro (UNISA) e mestrando do departamento de Comunicação e Semiótica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Email: [bernardojunnior@hotmail.com](mailto:bernardojunnior@hotmail.com).

Os impactos das transformações sociais e comunicacionais nos indicam um novo ambiente sociocultural baseado na era digital, no ciberespaço, que traz também uma nova

forma de cultura, conhecida como cibercultura, em que a lógica racional é hipertextual, não linear e interativa. Ao tomarmos em mãos os enunciados propostos pelo ENEM, abrimos uma fissura na discussão dos sentidos dos objetivos instalados nos enunciados da redação pelo Ministério da Educação e o que de fato o aluno contextualiza no ambiente em que vive.

O alicerce teórico deste artigo está iluminado pela teoria da significação proposta Algirdas Julien Greimas. Inserindo-se no quadro das teorias que se ocupam do texto, a semiótica de linhagem francesa dá especial relevo ao conceito de texto enquanto objeto de significação e, por conseguinte, preocupa-se em estudar os mecanismos que o engendram, o que constituem como um todo significativo.

Como as propostas de redação do ENEM possuem múltiplas linguagens como verbal e visual impressas em seu enunciado, por meio dos textos motivadores, elas não podem ser estudadas como mero resultado de uma soma de partes na totalidade da apreensão dos sentidos do enunciado global. Desta maneira, toma-se aqui instalada uma enunciação sincrética, ou seja, uma composição textual organizada segundo o sincretismo entre as linguagens verbal e visual. Na esteira das pesquisas dos estudos do desenvolvimento de uma semiótica sincrética estão as contribuições propostas por Jean Marie Floch, Ana Claudia Oliveira, José Luiz Fiorin e Lucia Teixeira. Assim, compreende-se nas palavras de Oliveira que:

Considerando que a totalidade do sentido de um objeto sincrético é processada pelo arranjo global de formantes de distintos sistemas, assim como de suas regras de distribuição e ordenação, assumimos que essa integração se caracteriza por procedimentos de sincretização. (2009, p.80).

Muito diferente do que o senso comum aponta apenas para a linguagem verbal, a ideia de texto para a semiótica greimasiana implica considerá-lo como um todo de sentido, ou seja, como um organizado de sentido, dando a devida importância aos procedimentos e mecanismos que o estruturam, entrelaçando esses sentidos ainda mais em um mundo globalizado no século XXI. Isso significa, portanto, que “num texto o sentido de cada parte é definido pela relação que mantém com as demais constituintes do todo; o sentido do todo não é a mera soma das partes, mas é dado pelas múltiplas relações que se estabelecem entre elas”. (FIORIN, 2006, p. 14).

Fica claro compreender que uma mesma frase, ou qualquer outra parte desmembrada do texto, pode ter qualquer significado distinto de sua totalidade. Assim, é necessário

considerar que para fazer uma interpretação dos objetos semióticos instalados em qualquer enunciado é necessário levar em conta o contexto em que eles estão inseridos (Fiorin, 2006).

Não se enveredando por questões filosóficas em relação ao sentido da vida, ao nos debruçarmos sobre os estudos da semiótica greimasiana percebemos que tudo faz, ou produz, o sentido. Ao se preparar para realizar a prova do ENEM, o candidato já está inserido em uma rede de sentidos. Não que qualquer ação que antecede a esse momento não fizesse sentido, muito pelo contrário, na verdade, esse aluno vive inserido em uma trama dos sentidos criada por sua própria existência como ser humano.

Desta forma, entendemos que a apreensão do sentido pode ocorrer quando o candidato toma em mãos a prova do Exame e começa o processo de leitura dos enunciados, ou por simplesmente por estar inserido na sociedade em que os seus atos tornam-se inerentes à sua condição de existência.

Para esta compreensão, mergulhamos nos arcabouços teóricos greimasianos e encontramos que ao definir o vocábulo sentido, os semioticistas Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés (2013, p. 456) explicitam sendo como

(...) duas abordagens do sentido são possíveis: pode ser considerado quer como aquilo que permite as operações de ‘paráfrase’ ou de ‘transcodificação’, quer como aquilo que fundamenta a atividade humana enquanto intencionalidade.

Assim sendo, compreendemos que o sentido estaria presente entre as operações de paráfrase e transcodificação, que independeriam da intencionalidade do emissor, ou sob o pressuposto da própria intencionalidade contida na enunciação. Entendemos por paráfrase como sendo “uma operação metalinguística que consiste em produzir, no interior de um mesmo discurso, uma unidade discursiva que seja semanticamente equivalente a uma outra unidade produzida anteriormente” (GREIMAS & COURTES, 2013, p. 359) e transcodificação definido “como a operação (ou o conjunto de operações) pela qual um elemento o um conjunto significante é transposto de um código para outro, de uma linguagem para outra” (Ibidem, p. 509). Daí o problema em conceituar o sentido porque o objeto de decodificações é, portanto, a mensagem analisada e pouco olhamos à intenção, embora esta última não possa ser descartada como mantenedora de significação.

Outra teoria que procura dar conta desse conceito está nos estudos de L. Hjelmslev que propõe sentido como um “material” ou “suporte” ao qual a Semiótica se manifesta enquanto formal por meio dos manifestantes: o plano da expressão e o de conteúdo, que possuem, enquanto substância, uma distinção entre um e outro.

(...) uma definição operatória de sentido, identificando-o com o “material” primeiro, ou com o “suporte” graças ao qual qualquer semiótica, enquanto forma, se acha manifestada. Sentido torna-se, assim, sinônimo de ‘matéria’ (o inglês ‘purport’ subsume as duas palavras): uma e outra são empregadas indiferentemente, falando-se de dois ‘manifestantes’: o plano da expressão e o do plano do conteúdo. (GREIMAS & COURTES, 2013, p. 457).

Uma vez que trabalhamos na compreensão do termo *sentido*, precisamos nos debruçar sobre os estudos da *significação*, até por conta de ser o objeto de estudo da Semiótica. Greimas e Courtes (2013) explicam que anteriormente à sua manifestação sob forma de *significação*, nada poderia ser dito do sentido. Portanto, compreendemos que a *significação* é o termo chave pelo qual se organiza a teoria semiótica. Não por acaso, é uma definição complexa em que os semioticistas Greimas e Courtés (2013, p. 458-459) detalham como sendo:

- designa, ora o fazer (*significação* como processo), ora o estado (aquilo que é significado);
- “produção de sentido” e “sentido produzido”;
- anterior ao sentido, como “sentido articulado”;
- sinônimo de *semiose* (ou ato de significar), reunião de significante com significado, quer como relação de pressuposição recíproca que define o signo constituído;
- “diferença”, na utilização nas relações inscritas na dicotomia *sentido/significação*;
- empiricamente, além da “natureza”, diz respeito também ao meio de apreendê-la como objeto cognoscível.

Em outras palavras, o sentido é uma abstração ou possibilidade, enquanto o significado é um evento real e único; e a *significação* é, por fim, aquilo que tende o evento real. Dessa forma, neste trabalho, o mais adequado de se aprofundar é no processo de *significação*. Para isso, debruçaremos nos estudos da semiótica de linhagem francesa em que o pesquisador Greimas elaborou uma metalinguagem que analisa e descreve a *significação* de um texto/discurso, por meio de estruturas que compõem o conteúdo, segmentadas em níveis de *significação*.

Ao entender que a semiótica de linhagem francesa é uma teoria da *significação* que enfoca a construção de sentido nos diversos textos, no mundo como um texto, percebe-se que o candidato do ENEM é produtor de sentido e também faz parte de toda rede de significados

criada na sociedade. Assim compreendido, o candidato não é apenas o destinatário da comunicação, mas também sujeito produtor do discurso, por ser a “leitura” um ato de linguagem (ato de significar) da mesma maneira que a produção de discurso propriamente dita. (GREIMAS & COURTES, 2013, p. 171).

Fica evidente que o texto não está restrito ao mundo das palavras, tomada como a expressão verbal apenas como a única fonte de sentido. O candidato, ao deparar-se com a proposta do ENEM, se projeta naquela teia de significados na tentativa de buscar um sentido em seu repertório, ainda mais em meio a tecnologia envolvendo a vida da sociedade. Landowski deixa muito claro essa reflexão quando diz:

O universo inteiro é uma espécie de texto que lemos continuamente, não só com nossos olhos, mas com os cinco sentidos. O problema é, então, conceber as categorias suficientemente gerais que nos permitam reconstruir, em toda a sua variedade e riqueza, a maneira pela qual o mundo se apresenta a nós – e pela qual ele significa para nós –, ao mesmo tempo como mundo inteligível e como mundo sensível. (2009, p.47).

Estes sentidos imersos no texto apontam para a postura emergente do aluno “sujeito no mundo como corpo no mundo”, conforme afirmado por Merleau-Ponty em sua fenomenologia da percepção quando aponta que:

Os sentidos são distintos uns dos outros, e distintos da inteligência [...] a série das experiências de cada indivíduo se dá como concordante porque: cada aspecto da coisa percebida é um convite a perceber além (constitui uma parada no processo perceptivo). Assim, falar da percepção é falar do corpo, pois [...] Meu corpo é a textura comum de todos os objetos e ele é, pelo menos em relação ao mundo percebido o instrumento geral de minha compreensão. (1971, p.132).

Ao levar em conta o sujeito atuante no mundo enquanto seu próprio corpo, Merleau-Ponty aponta o valor da experiência perceptiva, que emerge da relação dinâmica desse corpo enquanto um sistema de forças no mundo. Isso implica uma visão do corpo na totalidade de sua estrutura de relação com as coisas ao seu redor – como uma fonte de sentidos e ensina que o conhecimento emerge do saber latente que ocorre no próprio corpo (Masini, 2003).

Esta percepção aqui em voga circunda uma compreensão que supera a capacidade de um simples olhar, desprovido de qualquer envolvimento com o entorno. Para além disso, o perceber se faz uma atitude quando assim assumida toda a sua complexidade de entendimento do derredor, de imersão plena do sujeito no mundo, de contato com este mundo, de imersão neste mundo e logo, de construção de sentidos nos diversos textos deste mesmo mundo como assim clarifica a semiótica.

Uma reflexão a respeito se faz quando este sujeito, pertencente ao momento, se faz disponível aquele instante. Tamanha disponibilidade e entrega caracterizam a postura do perceber, de busca por sentidos e significados que ultrapassam os limiares acomodados e

mecanizados, culturalmente enraizados em nossas experiências sociais diárias, refletidas nas propostas do ENEM de construção de interpretações destes sentidos pelo candidato.

De acordo com Masini (2007), cotidianamente, por meio da percepção os objetos vão aos poucos tomando forma, estruturando - se a partir de ações e reações sobre aquilo que está ao redor. Por meio das interações no ambiente em que se está vai-se desenvolvendo habilidades de perceber, experienciar, organizar e compreender o mundo que se habita. Para as pessoas que dispõem da visão (videntes), a predominância deste sentido está tão presente que se tornam desatentas a isso, e desconsideram as demais vias de percepção - no perceber a si própria, o outro e o entorno - assim como ocorre com o público contemplado com as atuais configurações ofertadas pelo Exame aqui em discussão.

Inclinada à experiência do sentir, a percepção busca totalizar o entendimento do corpo, este assumido enquanto fonte de sentidos, de interpretações, de conhecimentos. É o perceber próprio, o perceber o outro e o entorno que salientam esta tomada postura como raiz de significados, como um solo fértil de aprendizado identitário e do mundo. Neste limiar, cabe uma proximidade com as novas tecnologias que compõem o candidato de hoje, conforme apontado, capazes de expandir esse solo, fazendo-o ainda mais próspero e possível de fazer deste mesmo candidato um produtor de sentidos que acaba refletindo nas propostas do Exame Nacional aqui em discussão.

Masini (2012) acrescenta que Merleau-Ponty ao abordar a percepção sinaliza três amplos pontos:

a)os fenômenos não são coisas, mas acontecem num campo do qual o sujeito faz parte e o sujeito e os fenômenos do mundo constituem juntos um sistema;b)o que caracteriza a identidade do mundo percebido é a temporalidade, isto é, a síntese temporal através das próprias perspectivas do sujeito que percebe: a perspectiva presente anuncia a outra e retém a precedente num encadeamento. São várias perspectivas que vão se constituindo em movimentos de retomada do passado e abertura para o futuro, sempre sendo possível novas perspectivas; c)para compreender a percepção é necessário evitar a alternativa natural (dos acontecimentos que se ligam entre si e causam uns aos outros) e a alternativa naturante (do sujeito que constitui o mundo e que dá sentido ao mundo). Em outras palavras, a perspectiva da objetividade (do mundo existente em si) ou da subjetividade (do mundo existente para si ou para uma consciência) são duas posições na qual o sujeito da percepção é ignorado (p.18).

Notadamente, o significado que o corpo carrega na perspectiva merleupontyana delinea o sujeito no mundo como corpo no mundo, conforme já apontado. Corpo este que sente, que sabe, que compreende. Este entendimento do corpo, essa experiência original que de acordo com Masini (2012) é pré-consciente, pré-emocional, pré-categorial, viabiliza assim reencontrar o corpo presente e total, aquele que não é um fragmento ou feixe de funções, mas um entrelaçamento de percepções (ou sentidos) e de dinamismo. Esta superposição impede de conceber a percepção como operação do pensamento, que ergueria um quadro de representação do mundo, da imanência e da identidade. (p.18).

Refere, assim, a um sujeito imerso no mundo com seu corpo próprio, que se aproxima e se abre para o mundo, se fazendo disponível. Sendo assim, constrói o seu entorno diariamente, e as percepções vão tomando forma a partir de ações e explorações do que o cerca. Percepções estas necessárias, passando pelo processo de semiose, para a construção de sentidos imersos no texto por parte do candidato.

Caminha (2013, p. 114) alerta para o fato de que todo este complexo sistema da experiência perceptiva, do mundo, “[...] corpo próprio e eu empírico, não pode ser reduzido a uma mera conexão de termos produzidos por relações causais, conforme a perspectiva empirista, ou por um pensamento universal, segundo o modelo intelectualista”. Tal apontamento retoma a validade de revisão identitária deste aluno envolto no contexto do ENEM, de modo a um necessário repensar a respeito da imersão, da total disponibilidade (ou não) deste sujeito neste universo e ainda, as reais condições que o Exame apresenta para tanto. Visualiza-se assim a viabilidade de deslocamento do que já é por herança pronto para o que deve ser qualitativamente construído pelo candidato, à luz da percepção e da semiótica.

Caminha (2013) acrescenta a respeito dessa peculiaridade que o pensamento objetivo transforma tudo o que se percebe em objeto, sem se perguntar pelo momento originário da experiência de perceber. Considerando este momento, alega que Merleau-Ponty propõe então pensar a formação de uma subjetividade pré-pessoal como ponto de partida para se conceber o sentido originário da percepção.

A partir dessa subjetividade, certo de que o corpo sabe, o corpo compreende e é nele que o significado se manifesta, Merleau-Ponty (2011) traz o entendimento de consciência encarnada, termo que posteriormente é substituído por consciência intencional e mais tarde apenas por corpo (Masini, 2012).

Este filósofo discorre que o corpo se faz uma importante fonte de significados, de interpretações. Para ele, o sujeito da percepção não é mais a consciência da qual provinha o conhecimento separado da experiência vivida, mas sim o corpo no mundo - solo fértil de sentidos do sujeito no mundo. Posteriormente ocorre a reflexão fruto da atenção ativa do sujeito no mundo - reflexão sobre o vivenciado, no desvelar significados daquilo que é percebido (Masini, 2012). É o percebido que trará ao candidato respaldo para ampliar e enriquecer seu repertório de sentidos no texto, de suas interpretações nos mais diversos contextos que assim o ENEM abrange.

Nessa perspectiva, pode-se recorrer à seguinte compreensão:

aquele que vê um objeto qualquer sente que ainda existe ser para além daquilo que ele vê atualmente. O sujeito percebe sempre num campo. Ele é sempre ser relacional. Seja no primeiro momento, de natureza pré-pessoal, ou num segundo momento, de natureza pessoal, o sujeito é sempre dirigir-se para. A experiência de sentir nasce antes mesmo de se ter consciência de que se sente alguma coisa do ponto de vista representacional (CAMINHA, 2013, p.117).

Merleau-Ponty assinala, neste mesmo limiar, que a compreensão emerge da experiência de um corpo próprio em contato com o que o cerca – do sujeito em relação com outro ser humano em sua experiência humana e com objetos. Através do corpo vivo do outro, que carrega a mesma estrutura do corpo próprio de cada um, “sabe-se que e como o outro se serve de objetos familiares de um mesmo mundo físico e cultural do qual cada um compartilha” (MASINI, 2012, p.20).

As palavras de Merleau-Ponty (2015) vão ao encontro do explanado quando salienta a percepção do outro nesta relação estabelecida:

É preciso, portanto, que pela percepção de outrem, eu me encontre posto em relação com um outro eu, que ele esteja em princípio aberto às mesmas verdades que eu, em relação com o mesmo ser que eu. E essa percepção se realiza: do fundo da minha subjetividade, vejo aparecer outra subjetividade investida de direitos iguais, porque, em meu campo perceptivo, se desenha a conduta de outrem, um comportamento que compreendo, a palavra de outrem, um pensamento que eu abraço, e porque este outro, nascido em meio aos meus fenômenos, apropria-se deles tratando-os segundo as condutas típicas das quais eu próprio tenho a experiência. Assim como meu corpo, enquanto sistema de minhas apreensões de mundo funda a unidade dos objetos que percebo, assim também o corpo de outrem, enquanto portador de condutas simbólicas e da conduta do verdadeiro, é arrancado da condição de um de meus fenômenos, propõe-me a tarefa de uma comunicação verdadeira e confere a meus objetos a dimensão nova do ser intersubjetivo ou da objetividade. Tais são, rapidamente resumidos, os elementos de uma descrição do mundo percebido. (p.39).

Nesta centralidade do corpo, quanto ao corpo do outro como fonte válida de sentidos, a premissa da descoberta, de construções e reconstruções se faz uma forte presença na compreensão totalizante do sujeito. É a sociabilidade em voga que dissemina novos olhares, novas atitudes perceptuais neste envolvimento com o mundo, com as novas tecnologias que naturalmente em nossa sociedade contemporânea permeia a vida do candidato ao ENEM e, por isso, tende a ampliar sua percepção de sentidos imersos no texto, para além, de novas construções de sentidos nos diferentes textos, como reza a semiótica. Conforme bem salienta Rabelo (2008) ao se apossar das ideias do filósofo francês:

Minha existência encarnada se tece sob o horizonte da existência do outro; meus gestos retomam e respondem ao outro, nos seus gestos descubro minhas intenções. Através dos nossos corpos, nossas ações entrecruzam-se, referem-se mutuamente e por vezes adquirem uma fluência ou um ritmo que nos configura enquanto um nós, sujeito coletivo de práticas e discursos. Habitamos um mundo comum e é dessa sociabilidade primária que posso surgir enquanto sujeito e que, por vezes, o outro, surge enquanto objeto ou me faz surgir nessa mesma condição. (p.110)

Dada sua atenção para este mundo percebido a partir do outro, do corpo do outro, o filósofo francês acaba resgatando um limiar originário do perceber, já que esta relação com outrem também é fonte de sentidos. Vai de encontro então às sensações, ao sentir pleno e suas



variantes, especialmente quanto ao entendimento de que tais experiências pelas sensações contemplam toda a complexidade motora do corpo.

Nas palavras de Caminha (2013, p.130), “o vermelho de uma acerola, o som do vento que sopra na janela entreaberta de minha casa, a textura macia de um pedaço de tecido de seda [...]” não se fazem meras impressões de características de objetos sociais que interferem e envolvem os sentidos do corpo. As sensações acabam sendo significações vitais ligadas à motricidade do corpo. Cabe ressaltar assim que estas sensações carregam ampla relevância no que tange a imersão do candidato ao Exame na tarefa de apreensão e logo, de formação de sentidos naquele instante.

De toda forma, a motricidade faz-se uma das expressões do “ser-no-mundo”, haja vista ser na ação que a espacialidade do corpo se realiza. A intencionalidade motora ensina que o corpo próprio exibe uma característica fundamental, ele é a sede do fenômeno da expressão, da formação de sentidos, de construções do entorno. O fenômeno expressivo se instala, então, no corpo próprio (Rosa, 2010).

De igual modo sobre este corpo, no que cerne as sensações,

O sujeito que sente não é reduzido a um sujeito empírico submetido às leis causais da natureza. Ele também não é uma mera consciência constituente desprovida do peso terrestre. Ele é um sensível que se lança para sentir o mundo tal como ele se manifesta para o corpo. Logo, meu corpo já sentiu o mundo antes mesmo que eu me desse conta dessa experiência. É por essa razão que Merleau-Ponty afirma que toda sensação comporta um germe originário de despersonalização. Antes de meu corpo assumir uma postura personalizada de vida, seu nascimento e sua morte são despersonalizados. A morte e o nascimento não podem aparecer para mim mesmo como sendo minhas. O nascimento e a morte são horizontes pré-pessoais. A natalidade e a mortalidade são anônimas. Logo, podemos saber que se nasce e se morre sem, portanto, conhecer o próprio nascimento e a morte. (CAMINHA, 2013, p.117).

Nesta continuidade merleau-pontyana, é no corpo e pelo corpo que a subjetividade se estabelece, haja vista o sujeito da percepção se tornar sujeito na experiência de sentir. E este corpo constrói, ao longo de sua trajetória, outros modos de ser no mundo por meio de vivências, conferindo ao sujeito uma intencional desconstrução própria de si no mundo.

O sentir então não se faz apenas uma reação motora a estímulos externos, do ambiente. Para além destas influências, o corpo assume seu papel enquanto uma atitude determinante no ato de sentir o derredor, de observar o entorno. Atitude que faz-se importante quando referenciamos a postura do candidato ao ENEM e as reais possibilidades deste perfil a ser construído diante das ofertas do referido Exame.

Ainda, “o sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou sincronia com ele” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.245). O filósofo expõe essa afirmação ao fazer uma comparação entre aquele que sente e o sensível, já que a

prática do sentir também requer uma experiência de entrega, “que é vivida por um sujeito encarnado no mundo” (CERBONE, 2014, p.139).

A ênfase centralizadora é na importância do contato com o mundo que o sujeito precisa ter, entre as mais variadas sensações, a partir dos sentidos de que dispõe sempre em plena interação, nunca deslocado apenas como um espectador. Este candidato, assim imerso no texto, acaba produzindo novos sentidos, inovadoras construções, graças à tamanho envolvimento que sua atitude do perceber proporciona em seu derredor, nesta interação constante com o mundo, com as novas tecnologias, com as mais diversas linguagens, enfim, com seu mundo.

O apontamento de Merleau-Ponty quanto ao corpo como um dado fundamento para uma sensível compreensão de mundo reflete a afirmação de Husserl de que o corpo serve como o “ponto zero de orientação”, e assim, permite a possibilidade de ter, de algum modo, uma perspectiva sobre o mundo, sobre o entorno. Tamanha complexidade da experiência perceptiva, formada por este mesmo mundo, se coloca a pensar que este corpo em questão “não é ele próprio apenas mais um objeto revelado dentro desta perspectiva” (Cerbone, 2014).

Trazendo à baila o “ponto zero de orientação”, Husserl sinaliza que o corpo serve como ponto de referência que, junto com a localização do objeto, determina o modo pelo qual o objeto será percebido.

Eu vejo este lado da pedra porque é o lado que está diante de mim (de meus olhos/face/corpo); ela ocupa este tanto de meu campo visual porque está a uma distância tal ou tal de mim (meus olhos/face/corpo). Na verdade, se considerarmos o caráter métrico de nossa experiência perceptual, ou seja, que coisas são manifestas como “aqui” ou “ali”, como “próximas” ou “distantes”, “acima” e “abaixo”, à “direita” ou à “esquerda” e assim por diante, todas essas locuções pressupõem estarmos localizados e orientados com respeito às coisas que são assim manifestas (CERBONE, 2014,p.153).

À luz da questão posicional a partir deste corpo em sua totalidade de Husserl, estarmos localizados e orientados pressupõe nosso habitat corporal no espaço que vivenciamos, que experienciamos. Ao contrário, se não tivéssemos localização qualquer no espaço que percebemos então as coisas não apareceriam com orientação perspectiva alguma.

Este mesmo “ponto zero de orientação” proposto por Husserl traz à tona a validade, mais uma vez, do entendimento do aluno sujeito no mundo como corpo no mundo, em conformidade com Merleau-Ponty (1971). Esse corpo, se não totalmente disponível, perderá seu referencial no entorno, não se fará válido e desse modo, não contemplará a dimensão necessária para e pela construção de sentidos, de amplitude destes sentidos à luz da semiótica que assim endossa esta postura nos mais diversos textos, dinamizando inclusive a diversidade de linguagens compositoras do entorno.

Rabelo (2008, p. 111) enfatiza a amplitude do corpo ao apontar que nele se encontra uma “dimensão de existência anônima, pré-pessoal”. Para o autor, essa dada existência diz

respeito tanto ao ritmo da vida natural quanto à generalidade dos papéis sociais que se acaba de igual modo naturalmente assumindo. Não obstante, essa referência direciona “tanto para a esfera das funções e processos orgânicos, quanto à ação do hábito arraigado, das aspirações não articuladas e disposições sedimentadas, dificilmente acessíveis à reflexão”.

Por entre todos os percursos em direção à percepção, pode-se dizer que, inclinado em Merleau-Ponty em conjunto com os estudos semióticos greimasianos, o candidato ao ENEM sujeito da percepção faz-se o corpo, elucidado para além do experienciado no agora, mas resgatando também o já vivido. É a clareza de superar a condição da “consciência concebida separadamente da experiência vivida e da qual provém o conhecimento” (MASINI, 2003, p.07). Não obstante, o corpo constitui fonte de sentidos uma vez que envolve a relação do sujeito no mundo, relação, portanto, sempre significativa e que ilumina a experiência perceptiva a partir da intencional relação do corpo, em sua totalidade, com a sistemática do mundo, das linguagens, dos mais diferentes textos que aqui cabe ao candidato depreender os sentidos. Nas palavras de Rosa (2010), “nosso corpo é para nós muito mais do que um instrumento ou um meio - ele é nossa expressão no mundo à figura visível de nossas intenções, é um “eu natural” e, propriamente falando, ele é “o sujeito da percepção”. (p.145). O corpo então, muito antes de ser um objeto, é a própria dimensão da percepção, é o solo originário do conhecimento para o aluno candidato ao Exame, seduzido pelas novas tecnologias, um necessário produtor de sentidos e perceptivo aos sentidos imersos no texto.

Vale ressaltar que esse candidato está imerso em uma sociedade em que todos os envolvidos se comunicam. Comunicação é, então, o ato de se comunicar, de se relacionar com as outras pessoas e serve para que as pessoas possam se relacionar, transformando-se respectivamente e a realidade em que vivem.

Sem comunicação, cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem como serem interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas. (BORDENAVE, 1992, p. 36).

Como a Linguística<sup>1</sup> é um estudo científico da linguagem humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e em suas numerosas relações, logo, a Comunicação está inserida em sua grande área de estudo. De acordo com o linguista Jakobson (2007), para que ocorra a comunicação, deve haver um conjunto de elementos constituídos por um emissor (ou remetente), que produz e emite uma determinada mensagem dirigida a um receptor (ou destinatário). Contudo, para que a comunicação se processe efetivamente entre estes dois elementos, a mensagem deve ser realmente recebida e decodificada pelo receptor. Assim, faz-se necessário

que ambos estejam dentro de um mesmo contexto, devem utilizar um mesmo código e estabelecerem um efetivo contato através de um canal de comunicação.

Para Jakobson (2007, p.123) o processo de comunicação se dá:

O REMETENTE envia uma mensagem ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um contexto a que se refere (ou “referente”, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (oi, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos entrarem e permanecerem em comunicação.

Na tentativa de escapar de uma concepção demasiado mecanicista, decretada pelo modelo da informação, a semiótica greimasiana procura situar esta noção-chave em contextos mais amplos, como o das atividades humanas em geral. Para Greimas e Courtés (2013, p.81) é “indispensável situar essa noção-chave em um contexto mais amplo”. Isso implica, de acordo com a semiótica francesa, enxergar a aspectualização da comunicação como processo comunicativo. Os semioticistas explicam que as ações humanas são divididas em dois blocos: o eixo da produção, quer dizer, a ação dos homens sobre as coisas; e o eixo da comunicação – a ação do homem sobre os próprios homens, criadora das relações intersubjetivas e fundadoras da sociedade.

As atividades humanas, no seu conjunto, são geralmente vistas como ocorrendo em dois eixos principais: o da ação sobre as coisas, pela qual o homem transforma a natureza – e o eixo da produção -, e o da ação sobre os outros homens, criadora das relações intersubjetivas, fundadoras da sociedade – é o eixo da comunicação. (GREIMAS & COURTÉS, 2013, p. 81)

---

1 – Foi considerado aqui o conceito de Língua de acordo com o dicionário Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=linguistica>. Acesso em 15.01.2017.

Desse modo, para Greimas, o ato de comunicar é visto como uma manipulação<sup>2</sup>, não num sentido depreciativo, porque se trata apenas de um fazer-fazer e um fazer-criar. Assim, quem comunica algo quer fazer com que o outro faça algo ou creia em alguma coisa. Comunicar, antes de qualquer coisa, é pressupor a quem eu me dirijo, qual é o saber desse enunciatário, o que será comunicado, de que maneira, para que, de fato, a comunicação seja bem-sucedida.

Se assumir a fala do outro é nela acreditar de uma certa maneira, então, fazê-la assumir equivale a falar para ser acreditado. Assim considerada, a comunicação é mais um fazer-criar e um fazer-fazer do que um fazer-saber, como se imagina um pouco apressadamente. (GREIMAS & COURTÉS, 2013, p. 83)

A abordagem propriamente semiótica da comunicação caminha por um viés bem diferente da apresentada pela teoria da comunicação tradicional, da qual o esquema mencionado pode ser considerado representativo. À medida em que a comunicação se situa entre sujeitos e em que os valores investidos nos objetos postos em circulação (valores pragmáticos ou cognitivos, descritivos ou modais) são considerados constitutivos do ser do sujeito, é evidente que emissor e o receptor (considerados pela teoria da comunicação) cedam lugar ao destinador e ao destinatário, instâncias trabalhadas pela semiótica, uma vez que o sujeito não é um mero espectador do discurso.

Essa diferença terminológica está ligada à que opõe a teoria da comunicação à semiótica: enquanto o emissor representa uma posição vazia (numa perspectiva essencialmente mecanicista, que procura lidar com puros autônomos), o destinador é um sujeito dotado de uma competência particular e apreendido em um momento de seu devir (o que corresponde a um ponto de vista mais ‘humanizante’, adotado pela semiótica) (GREIMAS & COURTES, 2013, p. 163).

A presença da tecnologia e de novos meios de comunicação vem transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem, perceberem o seu redor sob uma construção merleau-pontyana, e construir conhecimentos nesta sociedade contemporânea. Este fenômeno propicia lógicas de agrupamentos diferenciados, em consequência de ações culturais desta chamada cibercultura.

E não é à toa que o aluno conectado ao mundo virtual é contemplado com as facilidades da conexão em um clique. Graças a globalização, as fronteiras físicas foram derrubadas e, em frações de segundo, um sujeito consegue se comunicar com outra pessoa em

---

2 – Conforme Greimas e Courtes (2013, p.300) “manipulação caracteriza-se como uma ação do homem sobre outros homens (...) um fazer-fazer”.

qualquer parte do mundo. Surge então o termo “glocal”, introduzido na área de ciências humanas pelo filósofo Paul Virilio (1993). Trata-se da fusão das palavras “global e local” sem redução do sentido dos verbetes. Muito pelo contrário, surge um novo sentido capaz de dar conta do processo relacional vivenciado pela sociedade contemporânea.

Para Trivinho (2012), o fenômeno glocal pertence ao século XX, porém as suas características já são possíveis de serem percebidas nos primeiros *media* capazes de trocar informações entre emissor-receptor em tempo real, como é o caso do telégrafo em pleno século XIX.

“[...] no último quartel do século XIX, já estão presentes todos os elementos básicos que sustentam a existência do glocal atual: equipamentos de telecomunicações, infra-estrutura de rede (pressupostas aí as estações de processamento, codificação e

decodificação internacional), acoplamento entre ser humano e máquina, procedimentos de emissão e recepção, tempo real, fluxo (sonoro e/ou imagético) de sentido e não sentido, espectralização da interação humana, desejo comunicacional (de abordagem da alteridade como espectro, isto é, imagem, texto, ícone etc.) [...]” (TRIVINHO, 2012, p. 246).

Urge então a necessidade de que se produzam conhecimentos que possam respaldar esse fenômeno e forneçam subsídios para propostas adequadas de intervenção - para a compreensão do sentido dos elementos do texto sincrético presentes nos enunciados do ENEM, além dos modos de acesso e participação social do aluno enquanto regime de visibilidade no mundo globalizado e pertencimento na construção identitária sensível do brasileiro.

**Palavras-chave:** ENEM; semiótica; percepção; glocal; tecnologia.

### **Referências bibliográficas**

- BORDENAVES, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação**. 15ª ed. São Paulo: Editora Braziliense, 1992.
- CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. **Percepção, corpo e subjetividade**. São Paulo: LiberArs, 2013.
- CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos da Análise do Discurso**. 14 ed. São Paulo: Contexto. 2006
- GREIMAS, A.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- LANDOWSKI, Eric. **Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 10-20, jun. 2014.
- MASINI, Elcie Fortes Salzano Masini. A Experiência perceptiva é o solo do conhecimento. Psicologia em estudo. **Revista da Universidade Federal de Maringá**, Maringá, vol. 08 p39-43, set.2003.
- \_\_\_\_\_. **A pessoa com deficiência visual: um livro para educadores**. São Paulo: Vetor, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Perceber: raiz do conhecimento**. São Paulo: Vetor, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs). **Linguagens na Comunicação desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- RABELO, Miriam C.M. Merleau-Ponty e as ciências sociais: corpo, sentido e existência. In: VALVERDE, Monclar (org.). **Merleau-Ponty em Salvador**. Salvador: Arcádia, 2008.

ROSA, Mauricio Bueno da. Considerações sobre o corpo e intencionalidade em Merleau-Ponty. **Revista de Philosophia. Faculdade Vicentina de Curitiba**, Paraná, n°. 08 p.135-149, dez. 2010.

TRIVINHO, Eugenio. **Glocal: visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em tempo real**. São Paulo: Annablume, 2012.